LISBOA — SABADO, 20 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 117 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O SR. Carlos Pereira, director da Companhia das Aguas, fecha demasiado a torneira todas as noites. Já não temos agua para nos lavarmos, para fazer chá, para apagar um incendio. Se ámanhã houvesse um fogo em Lisboa o sr. Carlos Pereira—era um Nero.

Ficava para a historia das aguas. Mas o peor, o peor ainda não é isto. Os comboios começaram a parar no Setil, em Vendas Novas, por toda a parte, porque não teem agua.

Vê-se que a séca é realmente pavorosa. No emtanto, para nós, que não vivemos nem no Setil, nem em Vendas Novas, mas sim numa capital onde há, ou devia haver pelo menos, reservatorios abastecidos, a tirania do contador fechado podia ser muito mais suave.

* * *

ALGUNS colegas da manhã afirmaram hoje terem-se agravado os padecimentos de Guerra Junqueiro.

O «Diario de Lisboa» apressou-se a colhêr informações sobre o estado de saude do eminente poeta junto de sua familia, que declarou ter recebido ontem, do Porto, noticias absolutamente animadoras.

* * *

O PROJECTO de lei elevando a central o liceu Nacional de Setubal tem já o parecer favoravel da respectiva comissão de instrução.

O sr. Ginestal Machado declarou-nos hoje estar disposto a dar todo o seu apoio á aprovação do projecto. Reconhece-o justo, não só pela importancia da cidade e movimento escolar, como por estar o edificio, onde o liceu se encontra instalado, nas melhores condições pedagogicas e higienicas.

* * *

PARECE que já foi menos propicia ao governo a atmosfera para conseguir o encerramento dos trabalhos parlamentares.

Muito contribue certamente para o desanuviamento dessa atmosfera a dificuldade diaria, cada dia mais agravada, de conseguir o numero indispensavel para o funcionamento das duas Camaras.

* * *

PREGUNTA-SE porque será que os armazens reguladores da manutenção militar vendem os generos mais caros do que os do ministerio da agricultura.

Emquanto aqueles vendem azeite a 2$90, estes vendem-no a 2$50. Os preços do açucar são respectivamente a 1$50, e 1$06.

Tambem é extranhavel o facto dos armazens da manutenção militar só fornecerem azeite a quem comprar outros produtos.

Podemos contar com a explicação destes fenomenos das subsistencias?

* * *

A TITULO provisorio circulam muitas coisas por aí que já têm cabelos brancos. Por exemplo: determinados maços de cigarros — aqui não se faz réclame — cujo papel é provisoriamente um mau papel. Isto já dura há uns bons cinco anos.

A titulo provisorio tambem há governos de seis dias, obras de seis anos e amores de seis minutos.

Afinal a unica coisa provisoria que durou pouco tempo e que fez obra duradoura — foi o governo provisorio.

A DEFESA ECONOMICA

A guerra deixou exhaustas as nações que se bateram, incluindo mesmo aquelas que a vitória coroou de louros. Consumiu-se a riqueza acumulada, durante alguns anos de produção bem remunerada e empenhou-se até a espectativa dum futuro que se anunciava rico de promessas e recompensas.

Agora, que a paz já reina sobre a terra, como um rei... no exilio, entramos numa epoca de concorrencia economica em que os aliados de ontem se estão convertendo nos inimigos de ámanhã.

A Inglaterra, que não quere que a França se torne tão forte que reassuma o papel da vencida Alemanha, aproveitou a questão d Alta Silesia para lhe cortar os voos.

Briand não prendeu Lloyd George com as suas belas frases.

O governo alemão, valendo-se, com certa habilidade, dos desacordos de Londres e Paris, vai fazendo o seu jogo e colhendo algum proveito.

Assim, por exemplo, quando os aliados se preparavam para negociar as obrigações que dele haviam recebido como pagamento da indemnização, declara que luta com invenciveis dificuldades para encontrar para si, até ao fim do mês, 500 milhões em divisas estrangeiras, pois que um tal montante traria como consequencia natural uma longa e funda perturbação nos cambios e nas trocas.

Se a Alemanha não descobre quem lhe empreste ou avance dinheiro, como é que os bilhetes que a sua assinatura garante poderão encontrar quem os tome, desde já?

E' bom reflectirmos nisto, para não concebermos esperanças exageradas.

Independentemente,—da percentagem que nos cabe em tal papelada e respectivos juros,—de qualquer credito que o estrangeiro nos facilite—do problematico emprestimo interno, o nosso governo deve cuidar urgentemente de combater todas as importações que, dada a nossa situação economica e financeira, nos vêm depauperando dia a dia, pois as nossas exportações baixam a ponto tal que, se não nos defendermos dos mercados externos, morreremos de inanição.

Obrigue-se a terra portuguesa a produzir tudo o que a sua feracidade e os nossos processos de cultura possam dar.

Utilise-se o concurso das nossas colonias em generos pobres e dadas materias primas, melhorando dentro delas o seu precario regime de transportes e estabelecendo o seu trafico com a metropole com a maior economia e rendimento.

Comamos o nosso pão, exploremos o nosso sub-solo, fiemos a lã e o linho, restrinjamos a compra de carvões ingleses, cavando os nossos e empregando, como se fez nos ultimos meses da guerra, a lenha como combustivel de maquinas.

Reduzam-se ao minimo as despesas publicas.

Criem-se as receitas que seja possivel criar.

Chame o governo a compra e venda de cambiais, mas evitando erros que estão na memoria de todos e que tão justos clamores levantaram. Estas medidas, adoptadas sob a voz de salvação nacional, hão-de certamente provocar uma melhoria na amargurada situação do nosso cambio. Para a vida mercantil interna, o papel serve-nos optimamente, podendo talvez ser aumentado, se as circunstancias o exigirem.

Faça-se da pauta aduaneira uma arma ao mesmo tempo de ataque e defesa. Veja o governo o exemplo da França. Inspire-se na Inglaterra, que, apesar de ser a patria do livre-cambio, acaba de romper com esta craizada tradição, fazendo-se proteccionista, com a aprovação do hoje celebre *antidumping bill*.

Quem não luta pela sua existencia, morre. Dos mortos não resa a historia. Portugal dispensa bem uma queda irremediavel, no silencio funerario da campa.

A GRANDE BAIXA

(Desenho de Jorge Barradas)

— A vida está mais barata, está... O nosso vizinho da agencia funeraria já baixou 10 0/0 sobre a venda dos caixões...

O SR. ministro do comercio autorizou a verba necessaria, para se concluir a estrada que de Famalicão leva a S. Miguel de Seide.

Poucos dos que se dizem camilianistas poderão alegar, daqui em diante, que ignoram o caminho para a casa de Camilo. Não justificada esta desculpa, os ingratos, que somos nos quasi todos, vão achar-se em serios embaraços para explicar a razão porque o são.

Talvez se lembrem de dizer que o respeito que votam ao autor do *Anáthema* é tal que nem se atrevem a andar de rastos sobre o chão que ele pisou.

Adoram-no, mas não o visitam onde a sua *presença* de morto é mais sensivel.

Cremos, porem, que o que eles receiam é que o Mestre os conheça...

* * *

O SR. Lima Duque não desiste de fazer criar um novo ministerio que terá á sua conta os serviços de beneficencia e higiene publica.

Veiu-lhe esta ideia peregrina, quando geriu pela primeira vez a pasta do trabalho. Queria até que se denominasse—Ministerio da Saude. Não prevemos como a Camara acolherá a respectiva proposta. Talvez lhe dê o seu apoio, convertendo-a em lei.

Mas se assim fôr será dificil determinar qual das duas glorias é mais alta—a do sr. Lima Duque ou a da Camara. O paiz é que terá de se agachar um tanto para os poder admirar á vontade, com duas pedras na mão.

* * *

REUNE na terça-feira proxima a comissão executiva das reparações de guerra. Ao que nos dizem, serão ali tratados assuntos de interesse para o paiz.

* * *

NA cronica dos «faits-divers» figuram hoje nas gazetas a «Micas Gouveia», a «Cara de Cavalo», o «Pinga-Azeite», o «Chico Garrano» — e muitas outras personalidades do crime de nomes menos retumbantes. Todas essas pessoas ilustrissimas deram ontem que falar de si.

Vê-se que razão tinha o alto comissario em Moçambique quando escreveu a um amigo preguntando-lhe o que se passava nesta costa de Africa...

* * *

O SR. ministro do comercio foi hoje á Figueira da Foz.

No dia 28 parte para Chaves a assistir á inauguração particular de um troço de linha ferrea na extensão de 3 quilometros e que fica a 1 quilometro da estação daquela vila.

A inauguração oficial da linha é no fim do mês de Setembro.

* * *

DEVE ser discutido antes do encerramento do parlamento o projecto de lei, apresentado pelo deputado sr. Joaquim Brandão, elevando a distrito o conselho de Setubal.

A camara dos deputados tem recebido de varias edilidades e agremiações muitas cartas de aplauso ao projecto.

* * *

PODEMOS garantir que se o deputado democratico sr. Plinio Silva apresentar a sua moção de desconfiança ao governo, durante a proxima discussão do novo regime cerealifero, essa moção será meramente pessoal, desinteressando-se dela o directorio do P. R. P.

CRONICA FINANCEIRA

O PROTECCIONISMO INGLEZ TERIA CONSEGUIDO UMA VITORIA RETUMBANTE?

O "TEMPS" ESPERA QUE ELA NÃO SEJA DEFINITIVA

EM FACE DO PROJECTO DE LEI APROVADO NA CAMARA DOS COMUNS, AS MERCADORIAS EXPORTADAS PARA A INGLATERRA SÃO FORTEMENTE SOBRECARREGADAS — A FRANÇA VÊ O SEU COMERCIO DE EXPORTAÇÃO AMEAÇADO E VAI TENTAR NEGOCIAÇÕES — O QUE FARÁ O GOVERNO PORTUGUÊS?

E' incontestavêl que a aprovação, pela Camara dos Comuns, do projecto de lei conhecido pelo nome de «anti-dumping bill» constitue uma vitoria do proteccionismo. Vitoria tanto mais paradoxal e lamentavel,—diz o *Temps*—quanto é certo ser alcançada num paiz que durante mais de meio seculo adoptou a liberdade absoluta de comercio e que, graças a este regime, viu crescer a sua prosperidade duma maneira prodigiosa. Quais são os motivos que fizeram abandonar á Gran-Bretanha a sua politica tradicional, de que tirou tão magnificos resultados? Qual é, alem disso, a extensão e qual é o alcance exacto das medidas proteccionistas que acabam de ser votadas? Quais serão as consequencias para o futuro do comercio britanico e, sobretudo, para as relações economicas entre a Inglaterra e os outros paizes? Estas preguntas acodem, naturalmente, ao espirito. Vamos responder a elas, guiando-nos pela opinião do *Temps* e pelas informações que possuimos sobre o projecto de lei e sobre os debates que precederam a sua aprovação na Camara dos Comuns.

O objectivo inicial do governo inglês era proteger as industrias britanicas contra o «dumping». Sabe-se que este termo designa um processo comercial desleal que consiste, para uma nação, em inundar os mercados exteriores de produtos vendidos abaixo dos preços interiores e muitas vezes mesmo abaixo do custo de produção. E' fazer, por conseguinte, a esta ou áquela industria estrangeira uma concorrencia impossivel de sustentar, e provocar assim, deliberadamente, a ruina. Os alemães tinham o costume de conquistar os mercados estrangeiros por este processo. Que se tenha procurado, por todos os meios, proteger a industria de cada paiz contra a repetição das lutas economicas conduzidas com semelhantes armas e semelhantes intenções, é certamente muito legitimo.

Mas, partindo deste ponto perfeitamente determinado, o governo inglês, solicitado por certos produtores, chegou pouco a pouco a construir um edificio completo de protecção alfandegaria, em que as medidas contra o «dumping» propriamente dito ocupam um lugar de secundaria importancia.

Efectivamente, o projecto votado pela Camara dos Comuns estabeleceu, em primeiro lugar, direitos de entrada que se elevam a um terço do valor das mercadorias importadas, no sentido de salvaguardar a existencia e favorecer o desenvolvimento de certas industrias «de clef», isto é consideradas como essenciais á segurança e á defesa nacionais em caso de guerra. Já não é uma questão de «dumping»; é a protecção pura e simples. Parece, no entanto, que aquela disposição deve ser aplicada sómente a um numero relativamente reduzido de industrias; os produtos visados são principalmente os vidros de optica, os instrumentos scientificos e de precisão, as materias córantes e outros produtos quimicos, etc.

Em segundo lugar, o projecto permite modificar direitos que se elevam igualmente a 33 1/3 por cento do valor das mercadorias compradas no estrangeiro, dentre as mercadorias—excepção feita dos produtos alimenticios—que serão oferecidos na Gran-Bretanha «por preços inferiores ao custo de produção»; isto corresponde, em principio, segundo os termos da lei, a 95 por cento do preço bruto no paiz de origem, sendo os direitos fiscais interiores cobrados naquele paiz, a descontar. Esta segunda medida constitue a protecção contra o «dumping» verdadeiro.

Em terceiro lugar—e é esta a disposição mais grave do projecto de lei—podem ser estabelecidos os mesmos direitos sobre produtos provenientes de paizes estrangeiros que tenham a sua moeda depreciada, em relação á libra esterlina, pelo menos na proporção de 33 1/3 por cento. O governo inglês desejou, efectivamente, que o prejuizo resultante do cambio constituisse, para os paizes que o têm, um premio de exportação, perdendo completamente de vista a alta dos preços interiores que, naqueles paizes, acabou sempre por restabelecer o equilibrio com os preços exteriores, chegou a considerar esta pretensa vantagem como uma variedade do «dumping», quando se trata duma coisa muito diferente. Foi sobretudo a Alemanha que se quiz atingir com esta medida; mas estando o cambio francês abaixo do limite indicado pela lei—sucede o mesmo com o cambio português—e não existindo nenhum tratado de comercio entre a França e a Inglaterra, o comercio francês de exportação—assim como o comercio português—encontra-se ameaçado da mesma maneira que o dos nossos inimigos de ontem.

E esta ameaça é para a França tanto mais grave, quanto é certo que, na realidade, os custos franceses de produção não são inferiores aos da Inglaterra. Basta comparar os numeros-indices nos dois paizes: enquanto que na Gran-Bretanha a média dos preços brutos não vai alem de 86 por cento acima do nivel de 1913, em França conserva-se ainda 255 por cento mais elevada que antes da guerra. Vê-se que a depreciação da moeda francesa—aplica-se o mesmo caso a Portugal—não favorece de modo nenhum a exportação. De modo que se os direitos alfandegarios exorbitantes que o projecto inglês prevê atingirem as mercadorias francesas, o comercio francês é obrigado a privar-se da maior parte dos seus mercados de Alem-Mancha.

Durante a discussão na Camara dos Comuns, muitos oradores insistiram sobre o perigo que o projecto de lei faz correr ás relações comerciais franco-britanicas. O sr. Asquith, principalmente, chamou a atenção da Camara para os graves inconvenientes que teria, para as duas nações aliadas, uma guerra de tarifas. Na sua resposta, o sr. Chamberlain, que concebeu e elaborou o projecto governamental, declarou que «aqueles que fazem guardar os seus armazens por um cão, não devem queixar-se porque os ingleses põem um gato a guardar os seus». A alusão visava as ultimas elevações das tarifas alfandegarias francesas. A comparação feita pelo orador—na opinião do *Temps*—não corresponde á realidade, porque se acaba de ver que as medidas adoptadas pela Camara dos Comuns estão longe de ser tão inofensivas como pretende o sr. Chamberlain.

Para convencer plenamente a Inglaterra—diz ainda o *Temps*—é preciso, com toda a urgencia entabolar negociações economicas de maneira a evitar uma guerra de tarifas nefasta e a chegar a um acordo por meio do qual, lançando mão de concessões reciprocas, os interesses dos dois paizes se encontrem salvaguardados o mais possivel.

O que fará o governo português perante o projecto de lei que acaba de ser aprovado nos Comuns?

Quanto ao comercio britanico, terá que sofrer novas medidas. Aqueles que, Alem-Mancha, estão conscientes das realidades economicas não procuram dissimular. Cada qual por sua vez, os grandes banqueiros de Londres, os chefes da industria textil de Lancashire, os comerciantes e industriais da City, levaram á Camara dos Comuns eloquentes protestos.

Em vão protestaram. A maioria politica que apoia cegamente o governo não se deixou convencer. Não compreendeu que todo o edificio economico inglês, tal como foi construido no seculo passado, tem por base a liberdade de comercio; que, para dar ás suas populações aquilo de que elas têm necessidade para viver, a Gran-Bretanha é obrigada a exportar grandes quantidades de mercadorias, que fabrica com materias importadas; que esta exportação, se ela a quizer manter e desenvolver, supõe, primeiro que tudo, a produção barata, e que o estabelecimento de direitos protectores não pode senão elevar os preços liquidos, colocar as industrias nacionais numa relação de inferioridade para com os estrangeiros e restringir os mercados, que responderão com represalias; que, numa palavra, a prosperidade e o bem estar da nação não podem sacrificar-se a interesses particulares.

Entre os comerciantes, os financeiros, e mesmo entre os industriais, existe sempre a convicção profunda de que é indispensavel á Inglaterra uma liberdade de comercio o mais ampla possivel. E, por isso, o *Temps* espera firmemente que a vitoria do proteccionismo britanico—vitoria que as regras constitucionais obrigarão provavelmente a Camara dos lords a confirmar—não seja definitiva. A verdade é muito clara para que, uma vez feita a experiencia, não salte aos olhos daqueles que hoje se deixam cegar.

PORTUGAL PREVIDENTE
COMPANHIA DE SEGUROS
FUNDADA EM 1907
Capital UM MILHÃO DE ESCUDOS
BANQUEIROS:
BORGES & IRMÃO
Efectua seguros contra incendio e riscos de mar, roubo, postais, cristais, greves e tumultos, comoções politicas e populares, guerra civil, ACIDENTES NO TRABALHO e SOBRE A VIDA HUMANA.
Sede: Rua do Alecrim, 10---LISBOA
Delegação no Porto:
Rua Sá da Bandeira, 5, 1.º

MAGAZINE

Mulheres na Academia?

Sabe-se que a não admissão de mulheres na Academia Francesa provem dum antigo costume que ainda não foi posto de parte. Entretanto os academicos mostram bem que não é por falta de competencia que lhe recusam esse logar, mas porque se não resolvem a romper com o antigo preconceito, dando os primeiros premios de trabalhos literarios a mulheres, como sucedeu ainda ultimamente com a condessa de Noailles.

De há tempos que numa luta teimosa a mulher se tem apresentado, apesar do preconceito, como concorrente a qualquer logar vago; de todas as vezes se tem levantado forte discussão, que acabou sempre por uma negativa á recepção feminina.

Madame Aurel vai repetir a tentativa, concorrendo ao logar de Jean Aicard. Vencerá desta vez? E' certo que a corrente feminista engrossa em França diariamente, e que se espera que um dos primeiros actos do parlamento seja conceder direitos politicos á mulher.

Além de que já Madame du Bocage teve a honra de tomar parte nas sessões de Academia, no logar do bispo de Senlis, entre Nivernais e Biauhá, precedente que as feministas não deixarão de aproveitar.

Em todo o caso é prematuro afirmar que madame Aurel consiga investir o *Habit vert*.

Ingenua familiaridade

O palacio dos pápas de Avinhão tem um cicerone modelar. E' poeta e antiquario; sabe distinguir os altos personagens e cada vez que uma notabilidade o visita, Vassel—chama-se assim—põe o seu bonnet mais novo e acompanha-a de sala em sala, chegando a entoar as canções que outr'ora foram cantadas no palacio.

Quando o principe de Galles esteve em França foi a Avinhão *incognito* mas fez-se reconhecer por Vassel que o guiou expondo toda a sua magnifica sciencia ácerca das coisas mais insignificantes.

No final cortezmente, o principe apertou-lhe a mão.

—Então adeus, monseigneur, disse Vassel.

—Obrigado, meu amigo, hei-de lembrar-me de si.

—Nesse caso, exclamou o cicerone, não se esqueça de me escrever algumas vezes!

O principe de Gales satisfez o desejo de Vassel e mandou-lhe um bilhete com o seu retrato e algumas linhas amigaveis no verso.

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

BORGES & IRMÃO—LISBOA
BANQUEIROS

LISBOA	PORTO	RIO DE JANEIRO
Praça do Municipio, 35 a 38	R. do Bomjardim, 57 a 65	24, Rua da Alfandega, 24
Largo de S. Julião, 1 a 6	R. Sá da Bandeira, 57 a 59	

END. TELEGR.: «BORGIRMÃO» LISBOA, PORTO, RIO DE JANEIRO
TELEFONES: PORTO 302, 5416 C. — LISBOA 5417 C., 5418 C. — RIO DE JANEIRO 3158

Casa fundada em 1884

Efectuam todas as operações bancarias, tais como: Depositos a prazo e á ordem em moeda nacional e estrangeiras, descontos, transferencias, contas correntes, compra e venda de cambiais, moedas e notas estrangeiras, ordens telegraficas e por correspondencia, abertura de creditos, emissão de cheques sobre o país e estrangeiro, cartas de credito, ordens de bolsa no país e estrangeiro, compra de coupons, titulos nacionais e estrangeiros, emprestimos caucionados, serviço de cofres-fortes, etc., etc.

Secção Maritima
Endereço telegrafico: "STEAMSHIP" TELEFONE n.º 2290 C
Representantes em Portugal da
The Anglo-Portuguese Steamship Co. Ld. e Isaacs Line

ARTE & LETRAS

EVA QUE SE INTERROGA

(DO LIVRO "MARIA DULCE")

Voltou a reler a nota escrita á margem do livro. Quem a escrevera? Certamente alguma mulher... O cursivo inglês, revelando uma mão leve e fina, denunciava um coração que se confessava numa página, fechada há quantos anos? Não era facil sabê-lo.

A biblioteca de seu tio guardava livros que êle nunca lera, dada a sua paixão pela politica e pela agricultura, mas que, durante alguns anos, estivera aberta a todas as suas visitas. E estas eram tantas e tão diferentes! Quedou-se a recordar as várias silhuetas femininas que passaram pelas salas do palacete da rua das Chagas, não achando em nenhuma a mais breve indicação sobre a misteriosa autora da nota.

O segrêdo, porêm, tentava-a.

Quem seria?

No desejo ardente de surpreender, nas suas recordações, um fio revelador, cerrou um pouco os olhos e deixou descair a cabeça meditativa sobre o braço esquerdo a que se apoiava. Esteve assim alguns minutos, sondando o passado, interrogando memorias. Mas nada!

Talvez seu tio soubesse...

Não se sentia com coragem para lho preguntar, tanto mais que não levaria a bem que ela arriscasse os seus dezoito anos, candidos e submissos, entretidos com um romance como «Renée Mauperin».

Tinha consciencia de que não procedia bem. Custava-lhe afastar-se do respeito que lhe votava. Que havia ela de fazer? A solidão aborrecia-a.

Vendo-se só, a sua imaginação trabalhava como um moinho de vento. Para a acalmar, corria á biblioteca e lia poemas e romances, viagens e teatro, em sofrega desordem. Aprendia assim muita coisa, desenvolvendo o seu espirito precipitadamente, como se êle houvesse de ser maior que o seu corpo franzino, em que os lirios e as rosas ás vezes pareciam doentes.

Porque não a levava o seu tio comsigo para o Alentejo, onde ela gostava tanto de viver, principalmente na larguissima herdade de Campoflor?

Nunca compreendera bem a razão do seu exilio, no palacete das Chagas, sem uma pessoa que se interessasse por ela, a não ser a D. Gabriela Maya, sua vaga prima, que a afogava com os seus conselhos e a sua ternura tempestuosa.

A sua mocidade crescia entre velhos.

A sua beleza reflectia-se nos espelhos e nada mais.

Para não viver assim, preferia refugiar-se num convento.

Ah! se houvesse freiras!...

Entre ela e o mundo não conhecia qualquer relação. Sonhava, construia miragens, mas continuava isolada, sem uma simpatia que a prendesse. E, no entanto, ela adivinhava que, fora dos seus sonhos, existia com certeza a vida — esfinge que a perturbava e a seduzia, até nas suas orações. Queria gritar-lhe bem alto, para que ela suspendesse a sua marcha de rio que avança para um desconhecido oceano:

— «Porque me não chamas? Toma-me nos teus braços e leva-me para onde tu fôres!»

Não sabia bem para onde havia de dirigir êste grito. E, por isso, calava-se, divagava, reflectia longamente, profundando sombras que ninguem na sua idade costuma interrogar. Outra que não fôsse ela, não se demoraria a pensar no sentido oculto, distante, das palavras escritas á margem da página 275 de «Renée Mauperin».

Obstinava-se em as decifrar, restabelecendo toda a história da mágoa que as ditou.

Debalde se cansava. Descrente do seu esfôrço, desencostou-se, dizendo a meia voz: — «Não há meio. Tenho que desistir...»

Pôz-se de pé, lendo pela ultima vez:

— «Tambem eu sofro, por não poder sofrer, segundo a medida do meu coração. Ainda hoje me senti tão abandonada, que desejei ser escrava de alguem, mas nunca da solidão que me domina.»

Quem escreveu isto? Que alma de mulher se entremostra nesta confissão? Ainda preocupada, maldisposta, talvez, por julgar que ela, um dia, poderia achar-se em situação identica, colocou o livro sobre uma mesinha e avançou para a luz daquela tarde de outono, que entrava pela janela aberta para o Tejo.

A sua cabeça iluminou-se, destacando-se bem no perfeito desenho das suas feições. Os seus grandes olhos regios seguiram para a barra, em demanda dos quadros navais do poente. Como a sua pele branca, mas dum branco firme, docemente eburneo, dizia bem com a nobreza da sua fronte pura, a que os seus cabelos pretos punham uma aureola de vestal!

Era a sua hora de encanto e sonho. Todo o seu ser se desprendia da terra e vogava em distancias que ela não sabia onde ficavam.

E não andava só...

Sentia-se acompanhada por alguem — corpo ou quimera? — que de perto a seguia, quase podendo enlaçá-la com os seus braços.

Porque não o fazia?

Esta pregunta, que tantas vezes ela formulava, mais com o desejo que com os labios, assustava-a. Não era bem que assim fôsse! Num abraço, póde recatar-se o pecado.

As tentações são mais que as estrelas — dizia-lhe o seu confessor.

Quereria ela ser vitima delas? Oh! não... Mas esta revolta rápida, decidida, a pouco e pouco abrandava, como se um outro imperio se erguesse dentro dela.

A sua imaginação comprazia-se na certeza de que ela não sonhava sózinha, como uma flôr — qualquer palida eglantina que definha, no meio da neve.

Como é bom ter a seu lado uma presença amiga, um simples gesto protector!

Ela percebia que, no misterio que a chamava, quando o sol descia com o seu pincel opulento para o ocaso, havia uma voz deliciosa que o seu coração escutava. No alheamento da sua alma errante afigurava-se-lhe que conhecia a pessoa que a assistia no dobar das suas miragens.

Seria o Antonio, êsse saudoso Antonio de Castro, que uma tarde, na Figueira, quando as espumas se desenrolavam na praia como o manto duma ondina, lhe dissera palavras tão feitiçeiras, que no seu sangue cantou logo o signo da sua raça eleita?

Ninguem poderia ser para ela companheiro mais desejado.

E se fôsse realmente êle?...

Parecia-lhe que, ouvindo-lhe as suas confidencias de tão doce recordar, ela iria até ao fim do mundo.

Na ilusão dos seus sentidos, deslumbrada e cega no seu roteiro de sonhadora, chegou uma vez a ter a visão real de que êle lhe tocava no braço, fixando-a com os seus olhos calmos, miraculosos, em que ela via sempre uma promessa de eternidade no amor.

— Para onde vai, Maria Dulce?» — preguntou êle com um interêsse tão vivo, que ela se sentiu lisonjeada no seu orgulho.

— «Não sei para onde vou... Ando por aqui abandonada há bastante tempo, á espera de alguem que me reconduza a casa. Andarei perdida? Como se chama êste país?»

— «Veja lá a sua cabeça! Se não fôsse eu que a sigo por toda a parte, algum dia caía nas mãos dos salteadores. Nunca saia sem me avisar».

— «Você raras vezes aparece. Espero dias e noites infindas. Canso-me de o chamar e ás vezes choro. Porque não está sempre ao pé de mim?»

— «Não sabia que gostava tanto da minha companhia. Como fico contente! De hoje em diante velarei por si como um irmão mais velho».

— «Quem me dera que isso fôsse verdade! Vivo tão esquecida, entre gente que me não entende, que a sua amizade seria para mim a libertação duma tortura. Quere ser realmente o meu irmão mais velho?»

— «Sim, Maria Dulce. Farei de si o meu unico cuidado. Velarei junto de si, com uma dedicação tão grande, que outra igual não caberá na minha alma».

— «Nesse caso, ainda serei mais que sua irmã!»

— «Não tenha dúvida. A afeição que me arrasta para si tem um nome que os meus labios receiam pronunciar, mas que o seu coração adivinhou já».

Este dialogo prolongar-se-hia indefinidamente, como uma musica de desejos insaciados, se uma pancada forte, na porta do pequeno gabinete, a não viesse despertar.

— Quem é? — preguntou ela.

— Está ao telefone o sr. Antonio de Castro.

(Do livro «Maria Dulce».

Ruy Vaz

SOCIEDADE "ESTORIL"

Caminho de Ferro de Cais do Sodré a Cascais

Leilão

Em 25 do corrente ás 11 horas, por intermedio do agente Julio Cruz, na estação de Cais do Sodré, Lisboa, em virtude do artigo 112 da Tarifa Geral, proceder-se-ha á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prazos, bem como de outros volumes não reclamados.

Avisam-se portanto os respectivos consignatarios de que poderão ainda retiral-os pagando o seu débito á Sociedade «Estoril», para o que deverão dirigir-se á repartição de exploração, na sua séde, Cais do Sodré, 52, 2.º, todos os dias uteis, até ao dia 24 do corrente.

Lisboa, 15 de Agosto de 1921.

O Director da Exploração,
M. Bello.

N.º 1 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 20-8-921

OS BELOS DIAS DE OUTUBRO

I

O comboio «tramway» acabava de leixar a «gare» de Barbizon e subia vagarosamente a rampa de Chailly. Todas as articulações das carruagens gemiam e os vidros trepidavam, mal á vontade nos caixilhos. Apesar da marcha vagarosa do «tramway», o maquinista fazia silvar longamente a «sirene» como se se tratasse dum expresso. Grito de socorro que voara da planicie á floresta ou apelo aos passageiros para contemplarem atravez das vidraças cobertas de pó o vasto campo onde Millet pintou o seu «Angelus»?

Mas «madame» Catelin não olhara sequer a paisagem. De pé no meio do vagon, inspecionava as bagagens de mão empilhadas sobre os bancos: valisas, sacos e até os casacos que a criada levava pendurados dos dois braços.

—E a caixa dos guarda-chuvas?

—Tem-na «mademoiselle» Lise, minha senhora.

—E onde está Lise?

—Naturalmente na plataforma, ao pé do senhor.

—Onde está a pequena?—gritou «madame» Catelin para seu marido que fumava placidamente uma cachimbada.

Catelin, cujo rosto habitualmente congestionado parecia mais congestionado ainda pelo reflexo do crepusculo de outubro, arredondou os olhos numa expressão de espanto. E por um gesto simples manifestou ignorar onde estava a filha.

—Mas onde está ela?—repetiu em diapasão mais agudo «madame» Catelin, já inquieta.

—Talvez no primeiro vagon...—insinuou a criada.

—Porque não tomou você conta dela?

—Já me chegaram os embrulhos...—retorquiu a criada em tom agressivo.—Até parece que vamos de casa mudada.

Entretanto «madame» Catelin esforçava-se por identificar os perfis dos passageiros do primeiro vagon.

—Não está lá! choramingou ela. E deixou-se cair pesadamente num banco donde se levantou alguns segundos depois para correr até seu marido.

Entre os esposos trocou-se um dialogo azedo. Mas quando se constatou, apoz uma rapida inspecção da cabeça á cauda do comboio, que Lise não seguia nele, as frases asperas transformaram-se em lamentos.

—Se ao menos lhe não tiver acontecido alguma coisa! Cairia á linha?

«Madame» Catelin propoz que se fizesse parar o comboio e agitando os braços dava já ordens ao maquinista. Mas o chefe de trem interveio: não podia sujeitar os passageiros a perder a correspondencia de Melun por um caso tão insignificante...

—E para mais—observou alguem—sabe-se sempre quando este maldito comboio pára, mas nunca se sabe quando recomeça a andar.

Os passageiros fizeram côro, invectivando a companhia que troçava do publico obrigando-o a viajar num comboio prehistorico!

Durante esta pequena diversão o sr. Catelin dirigira-se á criada:

—Vejamos, Georgette! Emquanto você colocavia os embrulhos na carruagem, onde estava «mademoiselle» Lise?

—Andava a passear na «gare». Tinha o seu cãosito ao colo e trazia na mão a caixa dos guarda-chuvas?

—E' verdade—suspirou «madame» Catelin—perdemos tambem os guarda-chuvas!

Esta constatação foi, se assim póde dizer-se, a gota de agua que fez extravasar o calice da amargura.

—Que criança insuportavel!—disse Catelin. Durante estas ferias tem feito o que tem querido e ainda lhe tem sobrado o tempo. Ninguem olha por ela!

—Ah! Cala-te!—trovejou «madame» Catelin. A criada sorriu. Um passageiro amavel veiu oferecer aos dois conjuges o seu depoimento. Recordava-se de ter visto junto do comboio uma criança de cerca de onze anos, vestida de encarnado, pelerine cinzenta e com um cãosinho debaixo dos braços. Tinha-a mesmo encarado com interesse por causa do seu lindo rosto. Ao mesmo tempo o passageiro fitava alternadamente «monsieur» e «madame».

Catelin, ele com o seu nariz grosso e curto que lhe dava semelhanças com um dogue, ela pesada e extraordinariamente gorda—e parecia dizer para os seus botões:

—São estes os pais?! Palavra de honra que me custa a acreditá-lo.

(Continua)

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Rosas vermelhas

Uma nota interessante que os leitores talvez desconheçam: Marrocos é o jardim florido da Africa. E' numa pequena região do territorio marroquino, encravada no Atlas, que florescem as mais lindas rosas do mundo. As rosas de Safi e de Mazagão, brancas como um veu de noivado, amarelas, desmaiadas, vermelhas, são exportadas para França e para Espanha, para os Estados Unidos e para a Tunisia — onde o aparelho destilador transforma em perfume as pétalas que desabrocharam ao sol de Marrocos.

Marrocos está agora na ordem do dia. E' lá que florescem as rosas vermelhas, as rosas sanguentas dos soldados da Espanha. As pequeninas flores humildes de Casablanca e de Mogador, as rosas toucadas de Mont Arruit e do Dejebel, as rosas-chá de Marrakes, as rosas negras de Melilla, são hoje as rosas manchadas de vermelho do exército espanhol.

Nunca mais essas flôres sangrentas como punhaladas de desejo podem entrar de cabeça levantada em Espanha. Curvam-se as pétalas; desmaia a côr; pousam sobre essas rosas que vieram do areal de Africa os olhos saudosos das mulheres de Sevilha e de Granada. Quem sabe se elas trazem algum beijo perfumado, algum beijo perfumado a pólvora, que os labios do amante depositaram religiosamente nas suas pétalas floridas, á hora de morrer! Rosas vermelhas, rosas sangrentas de Marrocos, vós sois nesta hora em que um frémito de Dôr atravessa o coração da Espanha, a saudade viva dos noivos que lá ficaram para sempre. Tinha que ser para vós, hoje, o chá das cinco, a rosa-chá dêste jardim que é página da cidade. Ai do jardineiro!

Norberto Lopes

Além-mar

Aprovação dos projectos e orçamentos para a construção de escolas na Praia

Foram aprovados os projectos e respectivos orçamentos para a construção do edificio destinado a escolas na cidade da Praia, Cabo Verde, na importancia de 35.400$00 e para a ponte-cáis na mesma cidade, 39.000$00, sendo aprovada tambem a verba de 145 contos para as obras publicas da mesma provincia.

Uma rigorosa sindicancia a um magistrado de Moçambique

O encarregado do governo de Moçambique pediu para ser nomeado um juiz para ali proceder a uma rigorosa sindicancia a um dos magistrados daquela provincia.

As pautas aduaneiras das nossas colonias

Vão ser revistas as pautas aduaneiras nas nossas colonias, sem excepção da de Meliapor, sendo nomeados três missionaltos comissarios.

A missão religiosa de Meliapor

Foi reorganizada a missão religiosa de Miliapor, sendo nomeados três missionarios para essa missão.

Pelo ministerio das Colonias

O novo director geral das colonias do Ocidente

Passou a exercer o cargo de director geral das colonias do ocidente o sub-director sr. Fernando Machado.

UMA TRADIÇÃO VITORIOSA

O "NAMORO" NO CAMPO E NA CIDADE

O TERCEIRO ANDAR LISBOETA E A EIRA RIBATEJANA

Nos costumes portugueses existe um que tem resistido impavido a todas as influencias, a todos os modernismos e cosmopolitismos da epoca, e que, segundo parece, caminhará assim até á consumação dos seculos. E' o *namoro*, o velho namoro de janela, que murmura ternamente no rez do chão, que fala melancolico para o primeiro andar e que grita corajoso para o segundo e terceiro, sacrificando a garganta, suportando, de cabeça levantada para o ceu estrelado ou chuvoso, uma dôr surda na nuca, que tolhe a eloquencia, sem desanimar os namorados.

Em todos os bairros de Lisboa, em todas as ruas, solitarias ou concorridas, se encontra o estudante, o cadete, o caixeiro, conversando para as janelas longiquas em que se debruçam rapariguinhas, lindas muitas vezes, e que não têm outro interesse, outra distração, outra alegria a não ser aquelas horas de namoro banal e apetecido, que para elas e para eles substitue a vida mundana, os divertimentos caros e que é, por asim dizer, o luxo, o recreio, o unico desperdicio agradavel de tempo que lhes é permitido.

Dizem coisas meigas e sem importancia, riem sem saber de quê, questionam sem assunto e zangam-se sem motivo. Do terceiro andar, uma vizinha irritada lança frases asperas sobre o namorado, que, não conhecendo os trocadilhos admiraveis do Cyrano de Bergerac, não se sente esmagado pela dureza das palavras caidas daquela altura.

Mas a mocidade doira-lhes tudo. Há um ignorado fundo de poesia dormente no velho coração português, que faz de cada um deles um vago cavaleiro de capa e espada e de cada uma delas uma castelã inconsciente e sonhadora, ou uma Joaninha de olhos verdes, na sua varanda de rouxinois.

A's vezes, em noites claras de velar, uma guitarra passa; canta e chora a doce melancolia, o fatalismo profundo da alma portuguesa e os namorados calam-se, escutam e sentem.

Uma senhora francesa, visitando Lisboa e tendo alguem a lembrança de a conduzir, de noite, pelas ruas da cidade, para lhe mostrar, como curiosidade local, o classico namoro português, exclamou com espirituosa estranheza:

—Oh! qu'ils doivent s'aimer, pour s'aimer á cette distance!

* * *

O namora rustico, o namoro do povo dos campos é diferente, embora com o mesmo fundo sentimental. Seria curioso estuda-lo, por esse paiz fóra, em novelas que se tornariam documentos interessantes e em dramas regionais, como o «Entre giestas» de Carlos Selvagem, tão singelo, tão vibrante, tão vivido!

O namoro ribatejano é triste, serio, quasi sem galanteio. Tem a alma trigueira do campino da leziria tem a face crestada do rude cavador. Fala pouco e olha muito, alheado numa contemplação amorosa. Encosta-se ao varapau á porta das namoradas, rónda-lhe, de noite, a casa; nas eiras procura no vermelho do milho rei justificar o beijo desejado, dança nas feiras e nas festas, mais ruidoso do que alegre e canta mais do que sorri.

Canta, mas sem os longos desafios engenhosos dos camponeses do norte—canta, numa expansão de sentimento obscuro, que acompanha o trabalho ainda mais de que os folgueds. canta, talvez, como quem «seu mal espanta».

Os seus afectos—paixões veementes—exteriorisam-se pouco, têm um aspecto tranquilo de amisade, mas atingem muitas vezes, arrebatamentos de morte. A carta de namoro rustico é muito rara, mas quasi sempre se lhe encontra uma ou outra frase de significação digna de nota. Li uma que dizia: «Se a menina me fôr *permanente*, vou falar com seu pai».

E, deveras, este permanente tem um duplo e curioso sentido de amor constante e de fidelidade.

Nada há de facto mais belo e mais dificil do que *permanecer* num sentimento, seja ele qual fôr. Permanecer na dedicação, no afecto, nas convicções, no trabalho, no desgosto, é a mais forte das virtudes humanas.

Maria de Carvalho.

O SELO DA ASSISTENCIA

Por ser ámanhã o aniversario da promulgação da Constituição é obrigatoria a sua aposição

A'manhã, 21, dia comemorativo da proclamação da Constituição da Republica, é obrigatorio o sêlo da Assistencia de 1 centavo em todas as correspondencias destinadas ao continente e ilhas, aliás ficarão retidas durante 8 dias nas respectivas estações. Tambem em cada telegrama será colado o sêlo de 2 centavos.

O porto de S. Viiente de Cabo Verde

O senador Vera Cruz conferencia com o ministro das colonias sobre os casos graves que ali se têm passado

Tiveram hoje uma larga conferencia com o sr. ministro das Colonias o governador de Cabo Verde e senador por aquela colonia sr. Vera Cruz, ácerca de casos graves que ali se têm dado, pedindo providencias imediatas, bem como para que fôsse ordenada a reabertura do porto de S. Vicente.

CONSELHO DE MINISTROS

Na sua reunião de hoje tratou-se de assuntos parlamentares e de administração publica

O conselho de ministros reuniu-se hoje efectivamente na Secretaria das Finanças, tratando de assuntos parlamentares e de administração publica. Faltaram os srs. ministros da Marinha e do Comercio, por terem seguido respectivamente para Espinho e Figueira da Foz.

A Ordem de Santa Maria do Castelo escreve ao "Diario de Lisboa"

Recebemos ontem a seguinte carta:

Senhor director do *Diario de Lisboa*: — Tendo o jornal de v. sido menos exacto na indicação dos nomes, titulos e profissões dos novos Cavaleiros de Santa Maria do Castelo, o conselho da mesma Ordem roga e agradece a v. o favor de informar que os referidos cavaleiros são os srs.: dr. Clemente de Morais Sarmento, medico, socio da Academia de Sciencias de Portugal e do instituto de Coimbra; dr. Elmano Alves, medico; Vitor Marques de Oliveira, aluno da Faculdade de Sciencias e presidente da Juventude Catolica de Lisboa; Franklin de Oliveira, aluno do Instituto Superior do Comercio e comissario geral dos escoteiros; Carlos Soeiro da Costa, sub-inspector de finanças; Antonio Judice de Magalhães Barros, capitalista e proprietario, vogal do Conselho do Turismo e director da Sociedade Propaganda de Portugal; e José Pereira Sabrosa, capitalista e proprietario.—Lisboa, 18-VIII-921.—«A Ordem de Santa Maria do Castelo».

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Condessa de Agueda, D. Maria Emilia Infante da Camara de Trigueiros Martel, D. Sarah Roquete Monteiro Soares de Albergaria, D. Otilia Pinto Leite de Bessa, D. Maria do Carmo Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Luiza de Araujo Somer, D Maria Alexandrina de Lima Oom e miss Mabel Potter.

E os srs.:

Dr. Anibal Roque do Pinho (Alto Mearim), Alfredo Pinto da Silva, Manuel Valente de Mascarenhas e Francisco Correia Mendes.

E depois de ámanhã as sr.as:

D. Maria Clara Saldanha da Gama, D. Ana de Macedo Barros Lamas, D. Ana Henriques de Lancastre (Alcaçovas). D. Maria Vitoria Vilar a Costa Lima, D. Alice Pinto Leite Salusse e D. Guida Pinto.

E os srs.:

Conde de Proença-a-Velha, D. Marcos da Silva de Noronha (Vagos), dr. Manuel José dos Santos Farinha, Eduardo Francisco de Azevedo e Vasconcelos, José de Lima Pereira Machado de Castro e Antonio Reinolds.

Casamentos

Na segunda feira realiza-se pelo meio dia, na paroquial igreja de S. Sebastião do Pedreira, o casamento da sr.a D. Alda do Nascimento Bastos de Andrade Moura com o sr. Nuno Ferreira Viana, distinto capitão de infantaria.

Em viagem

Parte nos dia 2 ou 3 do proximo mês de Setembro para a Figueira da Foz, com sua esposa a sr.a D. Maria da Conceição de Borja Trindade de Serra e Moura e de seu filho mais velho Francisco José, o sr. Tomás de Lemos de Serra e Moura.

—Está no Monte Estoril, com sua esposa a sr.a D. Flora Fernandes Tomás de Sousa Rodrigues, o sr. dr. João Albino de Sousa Rodrigues.

—De regresso de Vigado partiu para o Estoril, com sua esposa a sr.a D. Maria da Graça Iglesias Viana Ferreira Roquete, o sr. João Viana Ferreira Roquete.

— No Prado, perto de Tomar, está com sua esposa a sr.a D. Maria Luiza da Costa Salema da Assumpção, o sr. Antonio da Assumpção.

— No fim do corrente mês parte para a Povoa de Lanhoso, com sua esposa a sr.a D. Albertina Walden Supardo, o sr. André Manuel Supardo.

— Para a Ericeira parte por estes dias com sua gentil filha D. Ana, a sr.a D. Carlota da Cunha Menezes da Camara (Ribeira).

— Regressou do estrangeiro á sua quinta em Sintra, onde já se encontrava sua esposa, a sr.a D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, o sr. dr. Joao Ennes Ulrich.

— E' esperádo em Lisboa, vindo de Africa, o sr. D. Afonso de Vasconcelos e Sousa.

— A'manhã parte para a Curia, com seus filhos a sr.a D. Julia de Lemos da Silveira Viana Talone da Costa e Silva, esposa do sr. Roberto Talone da Costa e Silva.

— Parte para Paris com sua esposa a sr.a D. Sofia da Rocha Machado, o sr. Augusto Machado, logo que de aí regressem sua filha a sr.a D. Luiza Maria da Rocha Machado Perry Vidal e seu genro, o sr. Francisco Gavazzo Perry Vidal.

—E' esperado de Mont'Or, com seu filho D. José Luiz, o sr. D. José Luiz de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior).

—De visita ás suas propriedades, partem hoje para a Figueira da Foz, Coimbra e Bussaco os srs. Arnaldo José Vilamil, José do Nascimento, Alfredo Moreira e Aurelio Marques.

—Com sua esposa e filhos está no Monte Estoril o sr. Manuel de Oliveira Monteiro.

—Acompanhado de sua esposa está nas Caldas da Rainha o sr. conselheiro João Franco de Castelo Branco.

—Encontra-se já na Figueira da Foz, com sua esposa e filhos, o sr. José Serrão de Faria Pereira. Suas cunhadas são ali esperadas brevemente.

—O nosso colega do «Diario de Noticias» sr. João Rosa anda em digressão pelo norte do paiz.

—Está na Figueira da Foz, com sua familia, o sr. dr. Fernando Cabral Metelo Sacadura Bote.

As barracas de Algés

Uma comissão pede o adiamento da sua remoção, outra solicita para que ela se faça imediatamente

Uma comissão de interessados procurou hoje o sr. ministro do Comercio para solicitar que seja prorrogado até ao fim da época balnear o prazo para a remoção para o Bairro Soares das barracas de habitação da praia de Algés. Outra comissão de moradores desta localidade procurou tambem o sr. dr. Fernandes Costa para solicitar que aquela remoção se faça desde já, pois que as barracas são removidas e ficam no referido bairro nas mesmas condições em que se encontram na praia, sendo falsas as alegações apresentadas pelos que se interessam pela sua permanencia ali. Na ausencia do ministro, as comissões foram atendidas pelo seu secretário, sr. Benjamin Nunes, que ficou de transmitir os pedidos ao sr. Fernandes Costa.

A CIDADE

OS TEATROS

Entre nós

Tendo falhado as «demarches» junto do distinto escritor Eduardo Schwalbach para a cedencia da sua revista «Gato por lebre», fazem-se agora, para o mesmo efeito, instancias junto da empresa do Eden, as quais ainda não deram resultado.

—Um dos socios da empresa Antonio de Macedo, Ltd. partirá dentro de um mez para o Brasil, onde, além de outros assuntos, irá fechar contrato para a ida ali de uma companhia de opereta e de revisia.

—Lucinda Simões reaparecerá no Politeama, na proxima epoca, na peça «Idilio de velhos».

—Uma das apoteoses da revista «Tic-Tac», do Eden, é do caricaturista Amarélhe, que nesta peça se estreia como scenografo.

—Além do teatro Aguia de Ouro, do Porto, a empresa Antonio de Macedo Ltd. explorará na epoca de inverno o Olimpia, tambem daquela cidade, para o que já fechou o respectivo contrato.

—A revista «O burro em pé» reaparecerá no Apolo ampliada com um quadro novo, que os autores estão escrevendo.

—A nossa distinta colaboradora Mercedes Blasco recebeu, a proposito do seu artigo sobre a «Casa Gil Vicente», a seguinte carta: Minha prezada colega: —Li o seu artigo sobre a «Casa Gil Vicente». Agradeço-lhe de todo o coração as boas palavras que lhe mereci. Sendo a primeira vez, ao cabo de tanta luta, que se me fez justiça; o seu artigo comoveu-me. Guardo-o como um precioso lenitivo ás amarguras que tenho sofrido. Que Deus lho pague. — Do seu dedicado *Casimiro Tristão*.

Reclames

NACIONAL—Está causando verdadeira sensação, a peça de Jules Mary «Rogerio Laroque», cujo entrecho se desenvolve, até final, no mais impenetravel misterio.

S. LUIS—E' bom de ver todas as noites, Chiado acima, a quantidade de gente que se dirige para este teatro. E' que a fama da celebre revista «De capote e lenço» chegou já a todos os cantos de Lisboa.

POLITEAMA—Ainda «A rainha do fonografo» se mantém no cartaz, com vivissimos aplausos dos espectadores daquele teatro, que todas as noite se têm enchido, para aplaudir a companhia Satanela-Amarante.

AVENIDA—Quem quizer passar uma noite divertidissima tem de dar a sua preferencia ao Avenida, indo ver a peça «Quardado está o bocado...», que hoje se repete.

APOLO—A companhia Ruas está dando os ultimos espectaculos. Está, portanto, por poucas noites, a exibição da revista de Baptista Dinis «A' procura do badalo».

GIMNASIO—Continúa sendo o assunto de gerais palestras o exito formidavel de «O celebre Nina», sem duvida alguma das mais famosas que, nos ultimos tempos, se tem exibido em palcos portugueses.

SALÃO FOZ—Poucas mais vezes teremos no Salão Foz os artistas Stevenson e rFizzo, que tão apreciados e aplaudidos vêm sendo nos seus trabalhos.

Ficou ontem definitivamente assente que a reabertura do Eden-Teatro se efectua amanhã, apesar de ser domingo. Trata-se, como temos dito, da primeira representação da revista em 2 actos «Tic-Tac».

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—A's 21,15—«Rogerio Laroque».
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«A' procura do badalo».
AVENIDA—«Guardado está o bocado...».
POLITEAMA—A's 21,30—«A rainha do fonografo».
EDEN—Não ha espectaculo.
SALÃO FOZ—A's 21,30—Stevenson e Frizzo.
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

MÁ-LINGUA

O que lhes falta..

Nas altivas montanhas marroquinas,
arautos da planicie á ante-manhã,
triunfa agora novamente o Islam
antigo escravo do pendão das Quinas

Vai lá correndo o mês do Ramadan;
e, excitadas, as «harkas» assasstnas
ensanguentam florestas e colinas
com gaudio de Mafoma e de Satan.

Os reforços, porém, todos os dias
seguem de Espanha. A' força de Golias
Os moiros oporão a de David?

O que eu juro é que até sem serem tantos
se lá tivessem Ben-Machadoh-Sahntos
já se achavam ás portas de Madrid!...

TAÇO

UM LEGADO A UM MUSEU

EM VOLTA DA QUESTÃO DAS BORBOLETAS

O "DIARIO DE LISBOA" OUVE O SR. RAUL PROENÇA

As borboletas do sr. Carvalho Monteiro continuam a adejar em torno do nosso jornal.

O «Diario de Lisboa» já em tempos, depois de ter ouvido o sr. Antero de Seabra, naturalista do museu Bocage, deu o incidente por liquidado. Mas porquê? Porque esta questão das borboletas tão delicada como as azas destes graciosos lepidóptéros, tomou um caminho pessoal cheio de azedume, de disputa. Hoje, porém, quebramos a promessa. Faça de conta o leitor, que todas as entrevistas que vieram aqui publicadas se reuniram em livro, livro esse que o publico comprou, e que logo na segunda edição o autor lhe aplicou no final, uma extensa corrigenda.

Diz-se, ou pretendeu dizer-se, que o sr. Raul Proença, funcionario da Biblioteca Nacional, foi o personagem negro de toda esta dramatica questão das borboletas. Foi ele e um eco dele que saiu a lume nos «Anais da Biblioteca», Ora não é assim, como passa a demonstrar o acusado na entrevista que se segue e que certamente causará a admiração de muita gente. Até o entrevistado terá dois minutos de surpreza!

O sr. Raul Proença está no gabinete do sr. dr. Jaime Cortezão, no segundo pizo do convento de S. Francisco. E' uma sala clara, com paineis de figuras oblongas, positivamente a El-greco; plantas da cidade de Lisboa antes de 1755; muitos livros; uma resma de exemplares de «Adão e Eva» escondidos por detraz dum biombo do Mandarim Chinês. Tomámos um «fauteiul» de veludo vermelho; o sr. Raul Proença senta-se na cadeira directorial e, sem nos falar da sua «Seara Nova,» diz:

—Tendo passado todo o mês de Julho fóra de Lisboa só agora tomei conhecimento de uma entrevista concedida ao *Diario de Lisboa* pelo sr. Antero de Seabra, naturalista do museu Bocage...

—Entrevista que aludia a uma colecção de borboletas que pertenciam ao falecido Carvalho Monteiro e que este legara ao Museu Bocage. Não é assim?

—E! Como sabe, o meu nome foi envolvido nessa questão.

—Sim; sabemos.

—Nessa entrevista atribui-se toda a responsabalidade de recusa da coleção ao meu inofensivo eco dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*—eco que bastante eco teve, ao que vejo. Nunca o meu pobre artigo poderia justificar ou sequer explicar da parte do herdeiro do sr. Monteiro a atitude por ele tomada.

Aqui se abre um parentesis para dar uma explicação aos leitores. A questão das borboletas assenta nisto: o sr. Carvalho Monteiro legou ao Museu Bocage a sua preciosa coleção de lepidopteros. O herdeiro, porem, tendo ao principio manifestado o desejo de cumprir as disposições do seu pai, negou-se por fim a fazê-lo alegando que se sentia muito magoado com o tal eco do sr. Raul Proença. O que dizia o eco? Que o sr. Carvalho Monteiro sendo um libdiografo distinto não tinha protegido como devia, as escolas e as bibliotecas. Descobriu-se por fim que quem dobava os e maranhados fios da questão era um criatura que tinha muito interesse em que Carvalho Monteiro, filho, não desse a coleção ao museu Bocage. Techa o parentesis e dá-se a palavra ao sr. Raul Proença:

—Tive ocasião de sustentar nos Anais que a atitude do sr. Carvalho Monteiro, filho, não era devida ao meu eco, sustentando-o agora ainda com mais força, pois varios factos chegaram ao meu conhecimento que me levaram á convicção de que só aos esforços perseverantes de varios *amigos* do Museu Bocage se deve o fracasso da oferta.

—E' estranho!

—E' estranho, mas é assim mesmo.

—Onde está o *X* da questão?

—Muito naturalmente, foram as pessoas que entendem que em Portugal (e, portanto, no Museu Bocagê) não ha pessoal habilitado para cuidar da colecção das borboletas do sr. Monteiro, que levaram este a—faça favor de pôr reticencias—confiá-la aos cuidados de qualquer *pessoa*—sublinhe pessoa e ponha mais reticencias, pede-nos novamente o sr. Raul Proença—indicada pelo sr. Antero de Seabra.

—Mas o sr. Antero de Seabra afirmou ao «Diario de Lisboa» que não tinha dito isso ao Monteiro, filho... Que não tinha interesse algum em que este guardasse as borboletas...

—Posso afirmar, pois o sei de boa fonte, que já o sr. Pedro Carvalho Monteiro tinha tomado conhecimento do meu eco, e ainda perseverava na sua louvavel intenção de oferecer ao Museu Bocage as borboletas. O meu artigo não foi, pois, senão aproveitado *aprés-coup*, para justificar uma atitude que tinha causas mais profundas e (em relação aos que moveram toda a questão) menos confessaveis.

E o sr. Raul Proença, muito exaltado, afirma:

—Terminem, pois, com a comedia ridicula de apresentarem o meu eco como a causa unica ou primaria da resolução do sr. Monteiro. Ninguem de bom senso o acredita, nem eu o deixo repetir. Tenham a coragem de confessar que esse senhor foi vitima de maus conselheiros...

—Mas o sr. Monteiro, filho...

—Decerto o sr. Monteiro ignora que grande numero de borboletas que fazem parte da sua colecção foram cedidas, á custa do Museu, pelo falecido e ilustre naturalista Barbosa du Bocage, ao sr. Carvalho Monteiro, com a promessa, mais ou menos explicita, de elas reverterem, com todas as outras, para aquele estabelecimento, depois da sua morte. Entendeu?

—Que fazer agora?

—Pela minha parte, tenciono convidar todos os homens inteligentes que se interessem pela questão a ler o meu eco dos *Anais*, e a decidirem, em boa consciencia, se ele poderia autorizar ou explicar semelhante atitude. E convido ainda todos os naturalistas e demais funcionarios do Museu Bocage — tão fortemente lesado pela cabala que se urdiu — a pronunciarem-se sobre esta questão. Ela não pode ser encerrada com o silencio!

CARVÃO

CARDIFF das minas do almirantado
"Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")

A' DESCARGA

Portuguese Corporation of Commerce Ltd. | Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º | Telefs. C. 5092, 5093, 5094 | Londres—56, Ludgate Hill

Notas de Agosto

Diario de "Clarinha"

O senhor Bispo vem de visita aos seus dominios — dominios de almas, é claro, desde que as leis separaram religião e Estado.

Nós, curiosamente, subimos ao alto da serra, para o ver passar. Na leira, que domina a estrada estreita — o primitivo caminho que os romanos traçaram — sentámo-nos sob os castanheiros ligados entre si pelas grinaldas das vinhas. Estalam foguetes, repicam sinos. O senhor Bispo vem á frente. Sorridente, abençôa o povo ajoelhado. Tem um ar alegre, indulgente. Os cordões do seu chapeu são da mesma côr verde que aqui se reproduz, em tons sempre lindos. O sol esconde-se detraz da serra de Monte de Muro. O senhor Bispo apressa o andamento do seu cavalo. Seguem-no fidalgos e povo. E lá desaparecem na curva do caminho estreito...

Em Lisboa falta a agua. Aqui cantam as fontes, as «levadas» correm atravez dos campos e caem para os caminhos, em fios de prata.

Só o milho tem sêde. Emurchecido, amarelento, não logra vingar as espigas raquiticas. Depois da questão do vinho, surge, mais sombria, a eterna questão do pão.

Theophilo Gautier espantava-se de que o pão fosse indispensavel.

Como explicar, dizia êle, êste hábito de acompanhar cada comida com um pedaço de cola insipida e estupida? Se o pão é um manjar, porque o não comem sem nenhum outro alimento?

—As crianças têm razão quando lambem a manteiga e deixam a fatia. O pão é uma invenção acidental, estupida e perigosa. Inventado pelos burgueses avaros, foi sempre a base das revoluções. Os filantropos gritam ao governo — E' preciso pão! Mentem. O povo quere carne, arroz, legumes. No dia em que suprimirem o pão, acabam as revoluções populares. Depois, o seu sabor insipido estraga o paladar, perverte o gôsto, obriga nos ao uso da mostarda e da pimenta...

Mas Gautier falava como um idealista. Desgraçadamente, o povo aqui vive de pão e bate-se pelo pão.

Quem pensa agora em tomar chá?

Os lisboetas, sedentos, buscam nas carapinhadas, nos sorvetes, nas cervejas geladas remedio contra o calor. Decerto, os sextetos tocam com menos entusiasmo. Há mais cadencia nos «fox-trot». Devem cair bagas de suor nas páginas já cansadas do «Mon homme» — que as meninas trauteam com ingenuidade.

«C'est mon homme!»

Parece me ver uma que tomou para a época passada uma mesa de canto, e aí, instalada com a mamã, arvorava cada dia um toucado primaveril. Como a batota estava ligeiramente proibida, jogava-se nas probabilidades do chapeu—cinco escudos em como é o das cerejas!—dez mil réis em como é o dos malmequeres!

E ás cinco e meia, ela entrava triunfante, com um «tricorne» negro envolvido em rendas — todos perdiam, emquanto ela ganhaga mais «aplomb»...

Quinta do Paço.

Clarinha

Julio Joaquim Augusto da Silva

Amanhã, pelas 15 horas, realiza-se o funeral do operario grafico sr. Julio Joaquim Augusto da Silva, que sairá do Necroterio para o cemiterio ocidental.

Membro do quadro tipografico do «Diario de Noticias», antigo tipografo do «Seculo», o extinto que foi vitimado por uma congestão cerebral na madrugada de ante-ontem, na sua residencia, gozava das maiores simpatias, de ha muito se havendo imposto ao conceito da classe grafica, pelas suas excelentes qualidades de caracter.

O quadro do «Diario de Lisboa» pede aos seus colegas que não se esqueçam de acompanhar Julio Silva á sua derradeira morada.

PROVINCIAS

Em Aviz

Os ultimos acontecimentos no distrito

Aviz, 15.

Nos ultimos dias do mês de julho notou-se um mau estar na classe trabalhadora, devido ao boato que corria de que no fim do mês a farinha se punha mais cara; efectivamente, no principio de agosto, houve escassez de farinha aqui e na freguesia de Benávila, havendo casas que se sustentaram a batatas por não apanharem pão em parte alguma; algumas mulheres de Benovila iam buscar farinha á fabrica da quinta do Pinheiro, á distancia de 12 quilometros, a pé, com os sacos de farinha á cabeça, para assim poderem dar pão aos filhos que tinham com fome.

No dia 4 apareceram pão e farinha á venda, mas de 40 centavos o quilo passou para 70 centavos.

No dia 6, um numeroso grupo de mulheres de Benavila e algumas desta vila, foram pedir ao sr. administrador do concelho para ele fazer com que a farinha não subisse de preço, por que sendo as jornas dos maridos pagas entre 2$00 e 2$50, não lhes chegava para se manterem, havendo muitas casas em que já havia fome e familias que há dias se sustentavam só a fruta por não terem um bocadinho de pão com que matassem a fome aos filhinhos; metia dó a lamentação das pobres criaturas e o sr. administrador, tambem comovido de as ouvir, lá conseguiu que a farinha baixasse para 4$95 os 10 quilos, prometendo-lhes da sua parte fazer o que pudesse para que as suas reclamações fossem atendidas.

Cumprindo a sua promessa, o administrador, sr. Virgilio Coutinho de Figueiredo convidou todos os lavradores e agricultores deste concelho a reunirem-se no dia 8, no salão nobre dos paços do concelho, a fim de tratarem do abastecimento de trigos deste concelho, sendo proposto pelo sr. Francisco Antonio Pais, do Ervedal: 1.º, que se fizesse um arrolamento exacto de todos os trigos da nova colheita; 2.º, que todos os produtores se responsabilizassem pelo consumo do concelho; 3.º, que o preço do trigo fosse pelo preço corrente do mercado; 4.º, que as jornas aumentassem proporcionalmente. Em aditamento a esta proposta foi dito pelo sr. dr. José Pais Teles que os lavradores, para evitarem a crise de trabalho, recebessem proporcionalmente todos os que se encontrassem já sem serviço.

Estas propostas, só por três ou quatro dos assistentes foram aprovadas, tendo o maior numero saido da sala e o pequeno numero que ficou reprovado as propostas com o fundamento de que o trigo devia ser baratiado, razão esta expendida por individuos que pouco ou nenhum teem para vender.

Por tudo isto, os esforços do sr. administrador, para conciliar o produtor com o consumidor, resultaram nulos.

Bom seria que aqueles reconsiderassem a tempo de evitarem quaisquer desmandos.

No dia 7 manifestou-se um grande incendio na herdade de Borba Torta comunicando á herdade da Figueira Negra, atingindo ainda um grande bocado da herdade de Pero Viegos; os prejuizos são grandes e maior seriam se o vento se não encarregasse de mudar a direcção do fogo, que ia direito ao lindo predio da herdade de Pero Viegos, andando tambem á roda do Monte da Figueira Negra, que ficou incolume. Estas três herdades estão situadas nos limites deste concelho e pertencem as duas primeiras aos herdeiros do que foi grande proprietario Luiz Pinto Garcia de Carvalho, de Galveias, e a terceira aos herdeiros do dr. Julio Maria da Cunha e Sá.

— Hoje, 15, um grande numero de trabalhadores de Figueira e Barros e de Ervedal vieram pedir ao sr. administrador do concelho o abaixamento da farinha, que já hoje é vendida a 6$80 os 10 quilos; o sr. administrador considera-se impotente para resolver este caso, dada a teimosia dos srs. lavradores em não quererem vender o trigo mais barato, pelo que os trabalhadores retiraram ordeiramente.

— A' ultima hora consta que no Ervedal o povo assaltou a fabrica de moagem Dordio & Grilo, tendo para lá partido algumas praças da guarda republicana aqui destacados.

Melhor informado, dizem-me que, estando para sair da mesma fabrica dois carros com farinha de 1.ª pertencentes a Manuel João Carneiro, o povo não consentiu que ela saisse, tendo rasgado alguns sacos com o fim de se inutilisar. Acaba de ser reforçado este posto com mais 11 guardas republicanos, sendo 8 de infantaria e 3 de cavalaria.

"Diario de Lisboa"
Encontra-se á venda em todos os quiosques e tabacarias.

Na Figueira da Foz

O Bairro Novo

Figueira da Foz, 19

Continuam os comboios a trazer para a nossa praia innumeros banhistas, especialmente espanhois.

As ruas do Bairro Novo todas as noites se animam com a viva alegria de "nuestras hermanas" e nos casinos e cinemas é extraordinaria a concorrencia.

O sexteto sob a direcção do ilustre professor Benetó, no Peninsular, tem causado muito sucesso e, no Europa, tambem os concertos musicais têm agradado bastante.

Coliseu Figueirense

Com gado de "rija bravura" e de bom tratamento, realizou-se no domingo a corrida de touros de inauguração da epoca. João Marcelino mostrou-nos uma vez mais que é um amador destemido e dedicado á arte de Montes, e os restantes artistas procuraram fazer bom trabalhinho...

Domingo proximo, vamos ter outra tourada com elementos de primeira ordem. A cavalo, D. Alexandre Mascarenhas e Quelhas e a pé arrojados amadores tão queridos da nossa praça taurina.

Pintor Othão Luis

Acompanhado de sua esposa e filhinhos, encontra-se nesta praia a passar a epoca balnear o distinto artista Othão Luis, professor da Escola Primaria Superior de Gouveia.

Os nossos cumprimentos.

Partido comunista

Esteve na Figueira a tratar da organização do partido comunista o velho propagandista operario sr. Antonio Tavares, de Coimbra.

Em Coimbra

Feira de S. Bartolomeu

Coimbra, 19

Abre ámanhã, no Rocio de Santa Clara, a tradicional feira de A. Bartolomeu, que foi uma das mais importantes e concorridas do país, e hoje reduzi a a 4 barracas toscas e mal acabadas, já improprias de figurarem nesta cidade.

Voto de sentimento

A junta geral do distrito exarou na acta da sua ultima sessão um voto de sentimento pela morte da esposo do sr. dr. Mario Ramos, procurador á mesma Junta.

Pela policia

Foi entregue á policia de investigação criminal o vadio José Baptista, de Miranda do Corvo, onde praticou varias tropelias.

—Foi entregue em juizo Manuel Pires, aquele larapio que deixou o patrão no fundo do poço para o roubar.

Subvenções diferenciais

Pelo governo civil de Coimbra foi enviado á direcção geral de administração politica e civil, para efeito de concessão de subvenções deferenciais, a nota dos emolumentos, cobrados nos ultimos tres anos, nas administrações do concelho deste distrito.

Movimento maritimo

SAIDAS

Vapores: port. «Minho», para Loanda; port. «S. Vicente», para New-York; alemão «Wilhelm Deisner», para Sevilha; al. «Barcelona», para Hamburgo; ing. «Staifa», para Huelva; ing. «Orcoma», Buenos-Aires.

ENTRADAS

Hiate port. «Vasco da Gama», de Sines; fra. port. «Avestraz», de Setubal; vap. nor. «Stat», (?) hiate port. «Diligente», de Sines; vap. port. «Audaz» do Porto; barca port. «Adelina», de Gibraltar.

LABORATORIOS DE FARMACIA
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA
Dores
Dores de cabeça
Dores nevralgicas
Dores rheumaticas
etc., etc.
Curam-se em curtos momentos com
QUINOPYRINA
Sem perturbação para o coração, nem fadiga para o estomago ou rins
Farmacias LISBOA—R. Nova do Almada, 88
PORTO —R. dos Clerigos, 36

PIQUETE NOCTURNO DE ELECTRICISTAS
CHAMADAS URGENTES
Sucursal de «O SECULO» (Rocio)
Telefone, 2:429 C. Pessoal da CASA RUBI

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lapadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

Santos Amaral, Limitada
IMPORTADORES-EXPORTADORES
Escritorios:
RUA DE S. JULIÃO, 100
Armazem de vendas
RUA DA PALMA, 225-229
Oficina Eletrotecnica
RUA DE S.TA BARBARA, T. M. V.
Teleg.: SAMARAL | Telef.: (C. 952-Escritorio (C. L580-Armazem
SECÇÃO INDUSTRIAL
CONSERVAS DE PEIXE
Fabricas em:
Matosinhos, Nazaré, Cascais, Setubal, Lagos e Peniche
Secção de Importação e Exportação
Cereais, Cacau, Café, Cortiça e Azeite —Folha de Flandres, Estanho, Chumbo e Arco de ferro—Aduela de Castanho italiano
SECÇÃO TECNICA
Maquinas e acessorios para todas as industrias
Tornos revolvers, Serras de fita, Cravadeiras, Limadores, Postos para soldadura autogenia, Difrenciais de parafuso sem fim e de engrenagem, Electricos, Dinamos, etc.
Material electrico, Lampadas «Philips», Candieiros, Tubo Bergman, Fios, Porcelanas
Instalações de Força Motriz e luz
Descontos aos revendedores
Oficina especial para reparações de aparelhos electrotecnicos, Enrolamentos.
Materias primas, Oleos, Massas lubrificantes, Correias para transmissão, Tintas de esmalte e vernizes «E'clantin».
Aços especiais para ferramentas.
Consultas tecnicas, Instalações fabris, Orçamentos

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)
CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS
As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.
ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO
Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.
Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO
Escritorios: (Nas termas.
(Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

MEIAS, PEUGAS E CAMISAS
Grande baixa de preços!!!
Meias de algodão a 1690, 1890, 2490 e 3790 réis!
„ „ sedaline a 4490, 5490, 6490 e 7490 réis!
„ „ musseline a 6490 e 7490 réis!
„ „ seda a 8490, 9490, 12.490 e 13.490 réis!
„ „ seda (saldo) a 4490 e 7490 réis!
10.800 pares de meias, bom algodão, preto, branco e cabedal, a 2.000 réis!!!
Peugas de bom algodão, a 1490 e 1890 réis! Peugas de fantasia, a 2490, 3000 e 3790 réis! Peugas, fio de Escocia, a 4390 e 5490 réis!
GRANDE SALDO!
Camisa, colarinho, punhos e uma gravata 12.500 rs.!!
Grandes abatimentos em todos os muitos artigos da casa!
CAMISARIA MODELO
RUA DO OURO, 116, 117, 119—LISBOA
PREÇOS DE OCASIAO!

NO ESTRANGEIRO

DE DUBLIN

DE VALERA PRONUNCIA O DISCURSO DE ABERTURA NO PARLAMENTO DO NORTE

"A unica autoridade na Irlanda é o governo nacional. E' esta a nossa politica e mantê-la-hemos" --De Valera dá conta das negociações que teve em Londres

A imprensa londrina aplaude o govêrno e entende que este atingiu o limite extremo das concessões a fazer á Irlanda.

Circula o boato, que é preciso acolher com todas as reservas, de que os soldados licenceados, cujas unidades se encontram na Irlanda, foram mandados apresentar nos respectivos quarteis.

Foi nesta ocasião unica das lutas seculares das duas ilhas inimigas, quando a Irlanda repudia os oferecimentos duma paz que envolve a submissão, quando ela pede independencia, que o parlamento feiniano abriu para dar ás palavras de De Valera toda a imponencia de que precisam.

As scenas a que deu logar a abertura do parlamento revestiram um caracter solene e grandioso como nunca se viu na historia da Irlanda.

Os destacamentos do exercito republicano, que formaram a guarda de honra, marchavam com a precisão de velhos soldados.

A multidão compacta comprimia-se sob a chuva e nas ruas de Dublin ouviam-se os canticos religiosos e republicanos, de envolta com manifestações ruidosas aos deputados sinn-feiners que iam chegando.

Os convidados não colheram na sala; espalharam-se pelas galerias e ficaram cá fóra.

Nos bancos reservados á imprensa tomaram assento representantes do mundo inteiro.

A' hora marcada os deputados entraram na sala precedidos por De Valera, pelo lord Mayor de Dublin e por O'Neill. Foram recebidos entre as aclamações entusiasticas dos presentes que se dirijam especialmente a De Valera, a Griffiths, a Mac Keown e ao comandante do exercito republicano.

Depois dos trabalhos preliminares De Valera teve a palavra para pronunciar o discurso de inauguração.

Começou dizendo que a Irlanda tem direito á independencia completa e que o unico governo que ela reconhece é o do Dail Eirearms.

Anunciou que daria conta á Assembleia das Negociações, em Londres, mas que em virtude do governo britanico fazer defender da decisão dos «sinn-feiners» a guerra ou a paz, era conveniente que as discussões fossem secretas; mas que, antes de entregar a resposta decisiva em Londres, ela seria apresentada e sancionada numa sessão publica parlamentar.

Examinando as obras dos «sinn-feiners» nos ultimos anos, De Valera disse:

«Os representantes aqui presentes estão dispostos a dar a vida se fôr preciso, para que as aspirações nacionais sejam uma realidade».

Repudia toda a autoridade britanica e afirma:

«A unica autoridade em Irlanda é o governo nacional. E' esta a nossa politica e mantê-la-hemos. Só podemos tratar com as outras potencias estrangeiras sobre a base do reconhecimento da Republica Irlandesa. Mantemos este principio e estamos dispostos a morrer, defendendo-o.

E' quasi impossivel para a Irlanda negociar com o governo britanico. E' quasi o mesmo caso dum homem desarmado a quem pedem que se entenda com outro que o ameaça com uma pistola.

Se fosse examinar agora as propostas britanicas uma e uma não me custaria demonstrar quanto são injustas e por isso dei a Lloyd George a resposta que conheceis».

Assim está definida a situação da Irlands perante o parlamento do norte, que representa a Irlanda.

EMQUANTO NA RUSSIA SE MORRE DE FOME...

TCHITCHERINE, COMISSARIO DO ESTRANGEIRO TRATA COM A FRANÇA DE IGUAL PARA IGUAL

NÃO SOMOS IMPERIALISTAS; FAVORECEMOS ATÉ OS PEQUENOS ESTADOS

O OFERECIMENTO DE MONTES DE OURO NÃO CONSEGUE SEDUZIR-NOS

Tchitcherine, encarregado dos negocios estrangeiros de Moscow, acaba de dirigir á França, por intermedio de um jornal comunista, convite para tomar parte na reconstituição economica da Russia e demonstrando as circunstancias de inferioridade em que se encontrará, se não atender as considerações que lhe faz e o governo francês não puzer de lado a politica hostil seguida até aqui.

Nele faz salientar a amizade que consagra á França e que o levará a fazer-lhe as maiores concessões, logo que se resolva a seguir a politica conciliadora da Inglaterra:

«Saudai Paris, antiga capital revolucionaria. Caiu baixo, mas continuamos a estimá-la e esperamos que cêdo será reabilitada».

A politica seguida pelos «soviets» foi exposta e ratificada em quase todos os aspectos. Assim, Tchitcherine nega a acusação de querer suprimir a Tcheco-Slovaquia, pois sempre contribuiu para a formação dos pequenos Estados e a politica czarista do oriente que visava a apoderar-se dêsses Estados. O que lhes tem grangeado as simpatias de que a Inglaterra os acusa, tem sido exactamente a politica de abstenção e o facto de terem renunciado a qualquer alargamento territorial.

«Nós sabemos muito bem que a abstenção imperialista é o nosso melhor meio de vencer no oriente».

Entrando francamente no assunto da cooperação industrial e comercial da França, o governo dos «soviets» não fraqueja. Não é o tom de quem pede nem de quem suplica; os «soviets» estão bem informados do alarme que vai na Europa, na disputa dos mercados russos. Dir-se-hia, ao ler-se a exposição clara dos oferecimentos que faz aos que deixaram de usar processos de combate e as ameacas de resistencia e de defesa, que porá em prática no caso contrário, que a Russia inteira não está a morrer de fome e de epidemias e que a sua sobrevivencia não depende dos auxilios que lhe levarem os Estados capitalistas.

Se alguem pensou que os «soviets» se inclinariam perante a desgraça imensa que ameaça subverte-los, iludiram-se; a esperança de que desapareçam, podem colocá-la apenas numa contra-revolução. Conhecendo bem a gravidade da situação em que se encontram, expõem o desejo que têm de reatar as relações comerciais com a França, com o orgulho de quem estende a mão a um amigo, sem o iludir sobre as consequencias que terá uma recusa.

«A França é a grande cidadela do bloco que nos combate. Emquanto durar tal sistema, não espere nada de nós para os seus comerciantes nem industriais. Recusamo-nos a aliviar os capitalistas franceses das consequencias dos usos do seu governo. Que êste mude de atitude e recebê-lo-hemos de braços abertos. Mas nada esperem de nós, emquanto o sistema governamental fôr o mesmo. Ao bloco opomos o contra-bloco.

Quando a Suecia expulsou a nossa representação sob a acusação de falsidades sem fundamento, pretendeu conservar na Russia certos funcionarios do consulado para obter informações. Expulsámo-los todos. Fechámos as portas e as janelas á Suecia; não transpirou para lá a mais pequena coisa a nossa respeito Não respondemos a uma unica nota do governo, não lhe respondemos á mais pequena pregunta. Foi o contra-bloco. Em 1920 a Suecia foi obrigada a reatar as relações comnosco pela classe dos industriais e comerciantes.

Contai isto em Paris e fazei-lhes com preender que as nossas orelhas são bastante duras para não se deixarem levar pelo oferecimento de montes de oiro».

Fazendo ressaltar claramente destas palavras que não existe a inclinação perante o capitalismo, Tchetcherine reconhece, no entanto, que a politica de hoje dos «soviets» é diferente da de outros tempos, tanto para com os russos, como para com o estrangeiro. Nas diferenças de garantias oferecidas ao trabalho e á economia russas com o imposto em generos e o comercio livre, podem os estrangeiros ver a garantia de que igualmente o seu trabalho e os seus capitais serão respeitados dentro da lei.

Colaborará com os Estados capitalistas fazendo-lhe todos as concessões que não envolvam abdicação de nenhum dos seus principios. Os Estados que, como a Inglaterra, travarem relações com êles, levam o secreto designio bem compreensivel de os combater. Aceitam a luta. O futuro decidirá o resultado.

Desta exposição resultam bem claramente três factos principais: que o governo dos «soviets» deseja estabelecer relações comerciais com os Estados capitalistas; que abandonou a politica rigida e utopica que levou a Russia á triste situação de correr o risco de desaparecer; que a evolução destinada a tornar possivel a vida da sociedade não significa voltar ao capitalismo e que o governo não se humilha diante da desgraça da nação e do socorro que o inimigo lhe podia levar.

A conclusão final é a mesma que já demos há dias por outras palavras: o governo dos «soviets» deseja ver-se reconhecido como governo de facto, que de direito o será depois. A situação do reconhecimento de facto desafoga-o; a cooperação dos Estados europeus salvará a Russia e com ela os «soviets».

E' certo que a parte mais profundamente reflectida do capitalismo se alarma com a cooperação e tem receio, não da revolução universal, utopia perigosissima que o governo dos «soviets» mostra ter posto de lado, mas da evolução que mais pacificamente conduzirá ao mesmo resultado. Mas toda a gente de negocio se degladia para alcançar um logar proeminente no mercado russo; algumas potencias já o reconheceram como governo de facto; grande parte da imprensa francesa reclama providencias para que a Inglaterra e a Alemanha, de mãos dadas, não monopolizem as melhores concessões, e a Suecia teve de ceder á pressão industrial e comercial.

E' esta a situação, e os «soviets» mostram conhecê-la perfeitamente.

DE VIÉNA

O aniversario do ex-imperador Carlos

A policia proíbe as manifestações

BERLIM, 20.

Um telegrama de Viena informa que se preparavam grandes manifestações na capital austriaca para festejar o aniversario do ex-imperador Carlos, as quais eram promovidas por elementos monarquicos. A policia impediu que se executassem êsses projectos. — (U. P.).

DE BERLIM

EXISTEM EM TODO O MUNDO CENTO E TRINTA E SETE MILHÕES DE SLAVOS

94 milhões pertencem á Russia, 6 milhões á Bulgaria, 8:550 mil aos servios-croactas e 17:500 mil á Polonia--Uma estatistica dum professor da universidade de Praga

BERLIM, 20.

Um professor tcheco-slavaco da universidade de Praga calcula em 137 milhões o numero total de slavos em todo o mundo, dos quais noventa e quatro milhões pertencem á Russia, seis milhões á Bulgaria, oito milhões e quinhentos e cincoenta mil aos servios-creatas e dezasete milhões e quinhentos mil á Polonia.

Lentes espanhois visitam as principais universidades alemãs

BERLIM, 20.

Um grupo de lentes das universidades de Valladolid, Santander e San Sebastian andam actualmente visitando as principais universidades alemãs e visitaram ultimamente Hamburgo. — (R.).

81 °/o da provincia alemã do Rheno está ocupada pelos aliados

BERLIM, 20.

Quase 81 por cento da provincia alemã do Rheno está sob a ocupação aliada. O total da area de territorios prussianos ocupados ascende a 20.115 quilometros quadrados. — (R.).

Os comissarios italiano e inglês da Alta Silesia e Korfanty

BERLIM, 20.

Os comissarios italiano e inglês da região plebiscitaria da Alta Silesia recusaram-se a pôr o visto no passaporte de Korfanty, que intentava entrar no distrito do plebiscito. Anteriormente, porêm, o comissario francês tinha-lhe concedido o visto. — (R.).

As estatisticas de importação polaca

BERLIM, 20.

O mercado polaco mostra nas suas estatisticas de importação a diminuta percentagem de 1 por cento do seu total para o comercio inglês. — (R.).

As reparações da Alemanha

BERLIM, 20.

Está assegurado para 31 de agosto o pagamento de um bilião de marcos-ouro, a titulo de reparações da Alemanha.—(R.).

A reconstrução das regiões devastadas

BERLIM, 20.

Uma nota oficial alemã diz que as negociações franco-alemãs referentes á reconstrução das regiões devastadas não foram ainda interrompidas. O governo do Reich ainda não respondeu ás propostas francesas. — (U. P.).

A baixa do marco

BERLIM, 20.

A imprensa alemã mostra-se preocupada com a baixa do marco. Tem-se pago o «dollar» a noventa e mais marcos. — (U. P.).

NO TEATRO NACIONAL

A recita classica de ontem

"A CASTRO" E "INÊS PEREIRA"

Em recita classica representaram-se ontem no teatro Nacional o «Auto da Vaqueiro», de Gil Vicente; «Inez Pereira», do mesmo autor, e «A Castro» (3.º acto), do dr. Antonio Ferreira.

O publico não quiz trocar as insulsas revistas do ano que por ahi fazem furor em bailados desnalgados e dizeres de rua suja, pela audição destas obras maximas da nossa literatura, escritas em português vernaculo: uma repassada de sentida magoa luziada; as outras duas saltitantes, nervosas, garridas de critica. Falam na decadencia do nosso teatro, mas esquecem-se de dizer que não há ambiente, que o publico só aplaude o que é mau, o que lhe lisonjeia os sentidos e nunca aquilo que em arte tem fulgor e é definitivo. O teatro do seculo XVI que ontem no Nacional teve uma brilhante moldura, pela interpretação que lhe deram alguns artistas já consagrados e meia duzia de discipulos do Conservatorio, não envelhece, não morre. A obra de arte, quer seja literaria, plastica ou pintural, é eterna, vive do tempo e para o tempo.

Isto já é velho, senhores! Fecham-se já aqui as considerações, para rapidamente se fazer um leve bosquejo da interpretação que ontem no Nacional tiveram as tres obras maximas do nosso teatro do seculo XVI.

«A Castro» foi desempenhada pelos alunos do Conservatorio. Emilia Fernandes, afirmou a sua inteligencia e a sua decidida vocação para o teatro. Foi uma figurinha de vitral, estilizada, de linhas harmoniosas como uma melodia de Chopin. Teve sentimento, arte; foi ingenua.

Parece-nos, porém, que Emilia Fernandes exteriorizou demais o seu papel. A sua mascara sem deixar de ser empolgante, teve, todavia, uma certa exuberancia de linhas que não quadraram com o drama. Isto todavia não é um senão; talvez seja mesmo uma qualidade.

Georgina Cordeiro marcou muito bem a figura de «Donzela» e Julio Soares o «Vaqueiro».

A representação da «Inez Pereira» foi confiada á companhia do Nacional. Ilda Stichini, primeiro. Esta actriz não precisa de elogios. O seu trabalho de ontem, cheio de verdade, de graça, de comico foi admiravel. Rafael Marques e Eduardo de Freitas foram os artistas de sempre. Cada gesto, cada palavra destes actores foram uma fonte de riso. O teatro de Gil Vicente ressuscitou, na admiravel interpretação que lhe deram todos os artistas do Nacional.

Ainda uma referencia: Sarah Cunha, com muita leveza desempenhou o papel que lhe foi confiado, acentuando bem o caracter da personagem.

DO BRASIL

O dr. Epitacio Pessoa chegou a S. Paulo

S. PAULO, 20.

O presidente da republica, sr. dr. Epitacio Pessoa chegou a esta cidade, onde teve uma brilhante e entusiastica recepção. — (A.).

O valor do escudo português

RIO DE JANEIRO, 20.

Cotação do café, 18$100; cambio s/ Londres, 7 31/32 e 8 1/16; valor do escudo português, 850, 940 réis. — (A.).

O café em Santos

SANTOS, 20.

Café tipo 4, 15$000; vendidas 20.000 sacas, ficando um «stock» de 2.911.085. — (A.).

SOMBRINHAS DE FANTASIA LEQUES 76 BENGALAS DE MALACA VENTOINHAS
RUA NOVA DO ALMADA

Ultimas Noticias

AS OPERAÇÕES EM MARROCOS

Na posição de Sidi-Amaram é fortemente atacada a artilharia dos mouros

No fim do mês começará uma energica ofensiva espanhola

MADRID, 20.—O comandante de Melilla comunica que foi atacada por violento fogo de artilharia a posição de Sidi Amaram. As forças que sairam para Tizza Amarám com abastecimentos sustiveram o tiroteio inimigo, obrigando-o a calar. Tambem foi fortemente atacado o Cabo de Agua. Sabe-se que as operações de uma energica ofensiva espanhola começarão em fins deste mês.

De diferentes pontos de Espanha continuam saindo tropas para Marrocos e são gerais as ovações que o publico lhes tributa.—(U. P.)

A RUSSIA FAMINTA

As provincias que perderam totalmente as colheitas têm uma população de 19 milhões de habitantes

HELSINGFORS, 20.—Segundo informações de Mosoow, as provincias afectadas pela perda total das colheitas contam ao todo uma população de 19 milhões de habitantes. Além disto, em 11 provincias ficaram as colheitas parcialmente destruidas. Nelas, a populacão ascende a 29 milhões.—(U. P.)

O CONFLITO ANGLO-IRLANDÊS

O que diz o Boletim oficial dos "sinn-feinners" sobre as negociações

"Os irlandeses estão dispostos a fazer sacrificios que nunca pensariam fazer pela Inglaterra"

LONDRES, 20.

Apesar do discurso do sr. De Valera, em que êste se mostrou irreconciliavel com as propostas inglesas, a opinião geral é que o «Dail Eirean» deixará que o povo do sul da Irlanda diga a ultima palavra sobre o assunto e que êste aceitará as propostas inglesas. O Boletim oficial dos «sinn-feiners» irlandeses diz que: «O caminho ainda está livre para se fazerem entendimentos honrosos». De Valera deseja muitissimo entrar em relações com a Irlanda do norte e declarou que os irlandeses estavam dispostos a fazer no norte da Irlanda sacrificios que nunca pensariam fazer pela Inglaterra. — (U. P.).

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro que nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

DE BERLIM

A navegação aerea

BERLIM, 20.

Corre o boato de que as potencias da Entente vão entregar ao governo alemão uma nova nota relacionada com a navegação aerea alemã. — (U. P.).

Bolsa de Lisboa

Dia 20

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	47$00	49$00
s|Londres cheque	6 1|4	6 1|8
» 90 d. v.	6 3|8	—
Rio s Londres	7 7|8	—
s| Paris	810	826
s| Italia	451	460
s| Belgica	794	810
s| Suissa	1773	1810
s| Espanha	1355	1386
s| Berlim	125	128
s| Holanda	3259	3326
s| Nova York	10350	10600
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	820	900

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	59,70
» s|Londres	28,26
» s|New-York	7,73
» s|Berlim	9,30
Paris s|Londres	47,38
» s|Madrid	167,50
» s|Genebra	219,25
» s|Berlim	15,50
Londres s|Paris	47,37
» s|Roma	85
» s|New-York	3,65,25
» s|Berlim	307
» Amsterdam	11,79
» s|Genebra	21,64
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 21. — Resa-se do 14.º domingo depois Pentecostes. Simplex. Paramentos verdes. Comemorações Santa Francisca e oitava. Missa propria. Credo e prefacio da SS.ma Trindade.

Lausperene: Na igreja dos Santos Reis,(no Campo Grande).

Festividades: Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 9 1|2, missa.

Santos Reis (no Campo Grande), ás 12, festa á Senhora da Conceição, com missa solene por musica, orando o rev. Vacondeus, no fim da missa Te-Deum; ás 18,30, hora ao Santissimo.

Estrela, ás 12, festa a Santo Antonio, por musica, cantada por senhoras; no fim da missa Te-Deum.

Amora, ás 12, festa á Senhora Sião, por instrumental, orando o rev. Angelo Manuel Lecio e arraial.

Barreiro, festa á Senhora do Rosario, ás 12,30, por musica, orando o rev. Sousa Ramalho e arraial.

DEPOIS DE A'MANHÃ, 22. — Resa-se oitava Assunção Nossa Senhora. Duplex. Maior. Paramentos brancos. Missa propria. Credo e prefacio, do dia 15.

Lausperene: Na igreja dos Santos Reis, (no Campo Grande).

Festividades: Sé, ás 11, côro, ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8,30, missa.

Campo Grande, ás 9,30, missa da Paz; ás 18,30, terços de Bemditos, por musica.

Ordem 3.ª de S. Francisco, no Campo Grande, ás 18,30, novena ao Coração de Maria, por musica, com exposição do SS.mo.

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

OBESIDADE
Tratamento pelos agentes fisicos
ESTORIL — TERMAS

GOTA
Tratamento hidro-mineral — Lamas radio-activas—Mecanoterapia
ESTORIL — TERMAS

NEURASTENIA
Hidroterapia—Electroterapia
ESTORIL—TERMAS

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS
LISBOA
Rua do Ouro, 18, 24
PORTO
Praça da Liberdade, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Depositos á ordem e a prazo
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros